


**FUNDAÇÃO, INSTITUCIONALIZAÇÃO E EVOLUÇÃO DOS LABORATÓRIOS DE
PSICOLOGIA NO BRASIL**

**FOUNDATION, INSTITUTIONALIZATION AND EVOLUTION OF PSYCHOLOGY
LABORATORIES IN BRAZIL**

**FUNDACIÓN, INSTITUCIONALIZACIÓN Y EVOLUCIÓN DE LOS LABORATORIOS DE
PSICOLOGÍA EN BRASIL**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-032>

Data de submissão: 12/07/2025

Data de publicação: 12/08/2025

Lilia Aparecida Kanan

Doutora em Psicologia

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: lilia.kanan@gmail.com

Kenny Secchi

Mestre em Psicologia

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: kennysecchi@uniplaclages.edu.br

Anne Caroline Silva

Mestre em Ambiente e Saúde

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: annecaroline@uniplaclages.edu.br

Priscila Schneider

Mestre em Psicologia

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: annecaroline@uniplaclages.edu.br

Vivian Fátima Oliveira

Mestre em Educação

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: vivian@uniplaclages.edu.br

Estela Maris Camargo Bernardelli

Mestre em Educação

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: estela.bernardelli@uniplaclages.edu.br

Lidiane M.N.M. Saliba

Graduanda em Psicologia

Instituição: Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

E-mail: lidisaliba@uniplaclages.edu.br

RESUMO

Este artigo explora a trajetória dos laboratórios de Psicologia no Brasil, destacando sua importância na consolidação da Psicologia como ciência e profissão. Objetivou-se analisar suas atividades descritas na literatura entre 2000 e 2024. Foi realizada uma revisão integrativa de convergência qualitativa, com buscas nas bases de dados BVSPsi, PEPsic, LILACS e no Portal de Periódico CAPES. Foram incluídos 37 artigos. A análise seguiu o fluxograma PRISMA, sendo os achados organizados em nove categorias temáticas. Como resultado, encontrou-se que os laboratórios, originados no início do século XX, evoluíram de centros de experimentação psicofisiológica para espaços de ensino, pesquisa e extensão, influenciados por modelos europeus (franceses e alemães). Estes consolidaram a Psicologia como ciência, com contribuições significativas na psicometria, formação profissional e atendimento a demandas sociais. No período investigado, a maior produção acadêmica ocorreu de 2006 a 2011, com ênfase em estudos descritivos e menor frequência de análises críticas ou propositivas. As principais atividades incluem desenvolvimento de instrumentos psicoeducacionais, atendimentos supervisionados e projetos de extensão. Tendências recentes destacam o uso de tecnologias digitais, como telepsicologia, e foco em saúde mental. Contudo, persistem desafios como desigualdades regionais, carência de infraestrutura e necessidade de atualização curricular. O estudo reforça o papel dos laboratórios na formação de psicólogos e inovação didática, e sugere pesquisas longitudinais e transdisciplinares para fortalecer a Psicologia brasileira.

Palavras-chave: Laboratórios de Psicologia. Formação em Psicologia. Revisão Integrativa de Convergência Qualitativa.

ABSTRACT

This article explores the trajectory of Psychology laboratories in Brazil, highlighting their role in consolidating Psychology as a science and profession. The objective was to analyze activities described in the literature from 2000 to 2024. An integrative qualitative convergence review was conducted using the BVSPsi, PEPsic, LILACS databases, and the CAPES Periodical Portal, including 37 articles. The analysis followed the PRISMA flowchart, organizing findings into nine thematic categories. Results show that the laboratories, originating in the early 20th century, evolved from psychophysiological experimentation centers to spaces for teaching, research, and extension, influenced by European (French and German) models. They solidified Psychology as a science, contributing significantly to psychometrics, professional training, and social demands. Between 2000 and 2024, academic output peaked from 2006 to 2011, emphasizing descriptive studies with less focus on critical or propositional analyses. Key activities include developing psychoeducational instruments, supervised care, and extension projects. Recent trends highlight digital technologies, such as telepsychology, and a focus on mental health. Challenges include regional inequalities, infrastructure deficits, and the need for curricular updates. The study underscores the laboratories' role in psychologist training and didactic innovation, suggesting longitudinal and transdisciplinary research to strengthen Brazilian Psychology.

Keywords: Psychology Laboratories. Psychology Training. Integrative Review.

RESUMEN

Este artículo explora la trayectoria de los laboratorios de Psicología en Brasil, destacando su importancia en la consolidación de la Psicología como ciencia y profesión. El objetivo fue analizar las actividades descritas en la literatura entre 2000 y 2024. Se realizó una revisión integrativa de convergencia cualitativa, utilizando las bases BVSPsi, PEPsic, LILACS y el Portal de Periódicos CAPES, incluyendo 37 artículos. El análisis siguió el diagrama PRISMA, organizando los hallazgos en nueve categorías temáticas. Los resultados muestran que los laboratorios, originados a principios del siglo XX, evolucionaron de centros de experimentación psicofisiológica a espacios de enseñanza,

investigación y extensión, influenciados por modelos europeos (franceses y alemanes). Consolidaron la Psicología como ciencia, con aportes significativos en psicometría, formación profesional y atención a demandas sociales. Entre 2000 y 2024, la mayor producción académica ocurrió entre 2006 y 2011, con énfasis en estudios descriptivos y menor frecuencia de análisis críticos o propositivos. Las actividades principales incluyen desarrollo de instrumentos psicoeducativos, atención supervisada y proyectos de extensión. Las tendencias recientes destacan tecnologías digitales, como la telepsicología, y el enfoque en salud mental. Persisten desafíos como desigualdades regionales, falta de infraestructura y necesidad de actualización curricular. El estudio refuerza el rol de los laboratorios en la formación de psicólogos e innovación didáctica, sugiriendo investigaciones longitudinales y transdisciplinarias para fortalecer la Psicología brasileña.

Palabras clave: Laboratorios de Psicología. Formación en Psicología. Revisión Integrativa.

1 INTRODUÇÃO

A história dos laboratórios de Psicologia no Brasil reflete como a Psicologia se firmou como ciência e profissão no país. Tudo teve início no século XX, com o Laboratório de Psicologia do Pedagogium, criado em 1906, no Rio de Janeiro, por Manoel Bomfim, que trouxe inspirações de grandes nomes da psicologia francesa, como Alfred Binet e Georges Dumas. Desde então, esses espaços se tornaram fundamentais para o ensino, a pesquisa e a extensão, conectando a evolução da Psicologia com a modernização das universidades brasileiras (Campos; Bernardes, 2012; Silva Filho; Martins; Silva, 2021).

O modelo europeu, de modo particular o modelo francês e o alemão, influenciou fortemente a estruturação dos primeiros laboratórios brasileiros, destacando o papel da experimentação e da observação sistemática para a construção do conhecimento psicológico (Silva Filho; Martins; Silva, 2021; Vieira; Campos, 2011).

Laboratórios como o do Engenho de Dentro, situado no Rio de Janeiro, dirigido inicialmente por Wacław Radecki, psicólogo polonês, não apenas formaram profissionais, mas também serviram como centros de difusão de métodos psicofisiológicos e técnicas de avaliação inovadoras para a época (Centofanti, 2006; Centofanti, 1982; Autuori, 2014). Esses espaços proporcionaram avanços importantes na interface entre Psicologia, Psiquiatria e Educação, constituindo bases para pesquisas experimentais e atividades clínicas (Centofanti, 2006; Centofanti, 1982).

Tais iniciativas permitiram que, ao longo do século XX, os laboratórios de Psicologia fossem integrados nas universidades públicas e privadas, ampliando seu alcance para atividades de pesquisa científica, formação acadêmica e apoio a serviços públicos de saúde e educação. Com o fortalecimento dessas instituições, os laboratórios tornaram-se centrais na renovação pedagógica e na profissionalização da Psicologia brasileira (Campos; Bernardes, 2012; Silva Filho; Martins; Silva, 2021).

A regulamentação da profissão do psicólogo, em 1962 (Lei nº 4.119/62), marcou um novo ciclo, onde os laboratórios passaram a ter o papel de integrar práticas formativas, pesquisa e, especialmente a partir de 2000, extensão universitária, atendendo a demandas sociais originadas nas políticas públicas, que colocavam a psicologia em diálogo com temas como inclusão, diversidade, saúde mental e educação continuada (Conselho Federal de Psicologia, 2022a,b). A partir dos anos 2000, motivados tanto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais quanto pelos avanços tecnológicos, pode-se verificar o surgimento da quantidade de laboratórios voltados para áreas como avaliação psicológica, neuropsicologia, psicologia experimental, psicologia escolar e psicologia do trabalho, com maior

capilaridade regional e fortalecimento de redes colaborativas interinstitucionais (Bomfim; Alberharia, 2004).

Entre 2000 e 2024, os estudos publicados sobre laboratórios de Psicologia no Brasil demonstram que diferentes funções foram atribuídas a esses ambientes. Entre as principais atividades, têm-se: desenvolvimento de instrumentos psicoeducacionais e clínicos e suas validações, testes experimentais, atendimento supervisionado, projetos de iniciação científica, formação docente e participação em campanhas de saúde e promoção de cidadania (Bomfim; Alberharia, 2004; Conselho Federal de Psicologia, 2022a). Ademais, as experiências laboratoriais passaram a ser reconhecidas pelas políticas de avaliação do ensino superior, funcionando como indutores de inovação curricular e de ampliação das perspectivas teórico-metodológicas do processo de formação do psicólogo (Bomfim; Alberharia, 2004).

Entretanto, são muitos, no contexto atual, os desafios e as oportunidades: o aumento no acesso ao Ensino Superior, a interiorização dos cursos de Psicologia, as novas tecnologias digitais que vêm sendo utilizadas nos laboratórios, até mesmo no interior quando do contexto da pandemia da COVID-19, e a necessidade de revisão das práticas tradicionais à luz das exigências da sociedade brasileira contemporânea (Silva Filho; Martins; Silva, 2021). A literatura atual informa sobre a relevância de articular ensino, pesquisa e extensão, da formação continuada dos professores e pesquisadores, bem como da atualização das metodologias e equipamentos laboratoriais, para promover a qualidade da formação e da produção científica.

Neste sentido, é então relevante uma revisão integrativa das atividades realizadas nos laboratórios de Psicologia do Brasil, conforme a literatura registrou nos últimos 25 anos. Objetivou-se, assim, analisar as atividades desenvolvidas nos laboratórios de Psicologia do Brasil descritas na literatura entre 2000 e 2024, para oferecer informações que possam favorecer o aprimoramento institucional, incentivar práticas inovadoras e promover o diálogo entre a tradição e as demandas contemporâneas da Psicologia brasileira.

2 BREVE REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FUNDAÇÃO DOS LABORATÓRIOS DE PSICOLOGIA NO BRASIL

Considerando que as primeiras contribuições à Psicologia no Brasil vieram do campo médico com teses de doutorado, esses trabalhos trouxeram à tona descobertas de interesse para filósofos, historiadores e o público em geral. Os primeiros laboratórios de Psicologia que se têm conhecimento trazem nomes de expressão como seus fundadores, como Ugo Pizzoli, médico italiano, que obteve destaque por idealizar, construir e utilizar instrumentos e aparelhos de laboratório de psicologia

experimental, além de criar diversos testes mentais. buscando a construção de uma pedagogia científica (Centofanti, 2006). O laboratório tinha como propósito preparar professores para realizar exames em seus alunos, promovendo uma abordagem experimental e atuando como psicólogos, antropólogos, fisiologistas e higienistas (Soares, 2010).

Entretanto, ao realizar um levantamento histórico, evidenciou-se que o primeiro laboratório de Psicologia no Brasil surgiu no período da Primeira República, em 1906, situado no Rio de Janeiro, dirigido por Manoel Bonfim, nomeado Laboratório de Psicologia Pedagógica no Museu Pedagogium. Neste momento, ocorria no cenário nacional a ascensão do processo migratório das populações para o perímetro urbano, fato que ampliou as demandas psicológicas (Oliveira; Guimarães, 2021; Vilela, 2021).

Destaque também ao italiano Clemente Quaglio, professor primário da cidade de Amparo, em São Paulo, ganhando notoriedade por ter adotado, no Brasil, os mesmos passos de Pizzoli, diretamente relacionado à criação do Laboratório de Pedagogia Científica (Centofanti, 2006).

Posteriormente, houve a fundação de outros laboratórios, como o Laboratório de Pedagogia Científica na Escola Normal Secundária de São Paulo (1914), com os estudos da personalidade normal e anormal da criança (Centofanti, 2006). Cruz e Azevedo (2017) referem os trabalhos publicados pela psicóloga russa Helena Antipoff no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, na década de 1930, com aplicação de testes psicológicos em crianças, contribuindo para organização do sistema de ensino e na adoção de novas práticas pedagógicas na rede pública de Minas Gerais.

Autuori (2014), ao pesquisar a trajetória do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), refere que este teve sua origem na antiga Colônia de Psicopatas, atual Instituto Nise da Silveira, no Engenho de Dentro, criado em 1932, sob a dependência imediata da Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública até a instalação da Faculdade de Educação, Ciências e Letras. Assim, o Instituto de Psicologia, anteriormente chefiado pelo polonês Wacław Radecki, buscava as novas aplicações das técnicas psicológicas na organização do trabalho, no direito e na educação.

Somente com a criação, em 1971, dos Conselhos Federais e Regionais de Psicologia é que os psicólogos brasileiros foram assegurados por direitos profissionais privativos e se afastaram da Filosofia, possibilitando a institucionalização e evolução dos laboratórios como recurso didático no ensino de Psicologia (Trevizan, 2024).

2.2 INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS LABORATÓRIOS DE PSICOLOGIA

A Psicologia no Brasil vivenciou diversas etapas, especialmente no início do século XX até os dias atuais, com a profissionalização da área, a implantação e aperfeiçoamento dos seus laboratórios, com destaque para o desenvolvimento da avaliação psicológica.

Nesse cenário, é inegável a influência de Wundt na Alemanha com a fundação do Laboratório de Psicologia Experimental, em Leipzig (1879), na consolidação da psicologia científica livre de especulações metafísicas (Araújo, 2009). No Brasil, desde a curricularização da psicologia, constata-se a importância e a inserção da Psicologia Experimental na formação do psicólogo. Entre as décadas de 1960 e 1970, a partir das reformas curriculares ocorridas nesse período, a cadeira de Psicologia Experimental passou a compor os currículos dos cursos de graduação em Psicologia (Cirino *et al.*, 2010).

Inicialmente, os laboratórios de Psicologia brasileiros tinham como características auxiliar outras áreas do conhecimento, tais como medicina e ciências sociais, de forma experimental, sem que necessariamente estabelecessem relação com a Psicologia e a prática do profissional (Vieira; Campos, 2011). Marco importante na evolução dos mesmos, ocorreu entre os anos de 1937 a 1964 quando os laboratórios de Psicologia se tornam parte efetiva na formação dos Psicólogos e os materiais dispostos nesses espaços foram utilizados nas atividades práticas no ensino e na pesquisa em Psicologia (Jacó-Vilela, 2024).

No levantamento de laboratórios que tiveram maior ascensão na década de 70, Vieira e Campos (2011) descrevem que esse processo iniciou no Rio de Janeiro e ganhou força, em outras regiões do Brasil, como São Paulo, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte. Conforme os autores, esta amplificação territorial dos laboratórios experimentais de Psicologia foi algo que contribuiu para o desenvolvimento e reconhecimento da Psicologia como ciência e profissão. Isto porque passou a inserir como característica da formação, atitudes e conhecimentos científicos, pautados no método, no rigor científico, na sistematização das informações, na curiosidade, criatividade, acolhida e compromisso assumidos aos aspirantes a Psicólogos (Gomes; Yamamoto; Gouveia, 2003).

Depreende-se que as demandas que chegavam até os laboratórios eram muitas e diversas, com base em contextos geográficos, culturais e econômicos de nosso país. Entretanto, alguns estudiosos (Freitas, 2002; Gomes; Yamamoto; Gouveia, 2003; Vieira; Campos, 2011) registram que foi na contribuição com a educação e aos processos de aprendizagem que os laboratórios adquiriram maior visibilidade, reconhecimento e procura. Por decorrência, ao mesmo tempo exigiu dos pesquisadores e docentes a busca por conhecimento, adaptação e validação de instrumentos para as necessidades e demandas da população brasileira.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Em razão da significativa heterogeneidade metodológica nos estudos disponíveis na literatura brasileira e da intenção de identificar nuances, sentidos e experiências, para além da quantificação de resultados, optou-se por uma revisão integrativa de convergência qualitativa. Esta abordagem metodológica, segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), é utilizada para reunir e sintetizar resultados de pesquisas com diferentes delineamentos – qualitativos, quantitativos e mistos –, convertendo todos os achados para a perspectiva qualitativa. Os autores referem que essa estratégia possibilita a integração de evidências a partir de diversas metodologias.

Em atendimento às etapas definidas para este tipo de revisão (Souza; Silva; Carvalho, 2010), definiu-se a pergunta de pesquisa: Quais as atividades realizadas nos Laboratórios de Psicologia brasileiros descritas na literatura entre os anos de 2000 e 2024?

Os estudos foram selecionados no Portal do Periódico CAPES e nas bases de dados BVSPsi, PEPsic e LILACS, pois estes fornecem importante acesso à informação científica para pesquisadores brasileiros (Canto; Pinto, 2018), o que justifica a escolha feita.

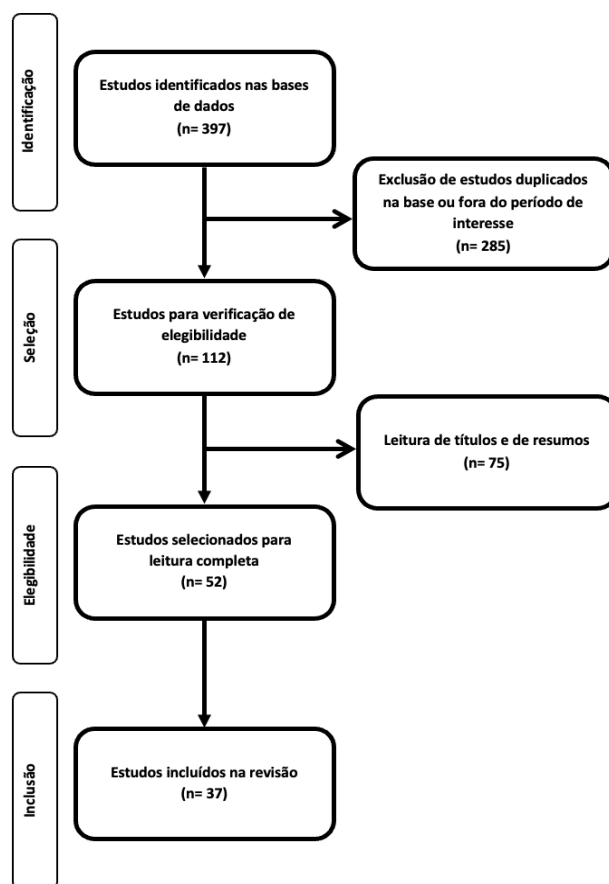
Foram utilizados os descritores em termos exatos: laboratórios AND psicologia e laboratório AND psicologia. Os critérios de inclusão ficaram assim definidos: (i) recorte temporal: artigos publicados de 2000 a 2024; (ii) de acesso aberto; (iii) revisados por pares; e, (iv) estudos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos relevantes ao tema (Whittemore; Knafl, 2005). Foram excluídas: (i) publicações estrangeiras e, (ii) teses ou dissertações.

A busca inicial revelou 397 artigos, dos quais 282 estavam duplicados nas bases ou tratavam-se de estudos sobre diversos tipos de laboratórios. Portanto, após a aplicação de critérios de inclusão e exclusão e de elegibilidade, restaram 112 estudos. A análise por título e resumo restringiu o quantitativo a 75 estudos. A seguir, 52 passaram por leitura integral, o que resultou em 37 estudos incluídos neste estudo. Esse processo é apresentado por meio do fluxograma PRISMA (Moher et al., 2009) e está representado a seguir.

A fase seguinte do estudo transformou os achados em categorias temáticas ou narrativas qualitativas (Souza; Silva; Carvalho, 2010). As categorias originadas, conforme Braun e Clark (2006) foram: 1. Histórico e institucional; 2. Formação e treinamento; 3. Metodologias e abordagens teóricas; 4. Práticas e intervenções clínicas; 5. População e áreas de aplicação; 6. Política educacional e social; 7. Tecnologia e equipamentos; 8. Experiências e aprendizagem em laboratório; e 9. Inovações.

A próxima fase originou uma síntese integrativa em decorrência da análise e comparação interpretativa na busca por padrões, convergências e divergências. O processo culminou na apresentação dos resultados, onde estão expostas as conclusões integradas.

Figura 1- Fluxograma PRISMA. Distribuição de estudos incluídos e excluídos na base de dados e selecionados para análise integral



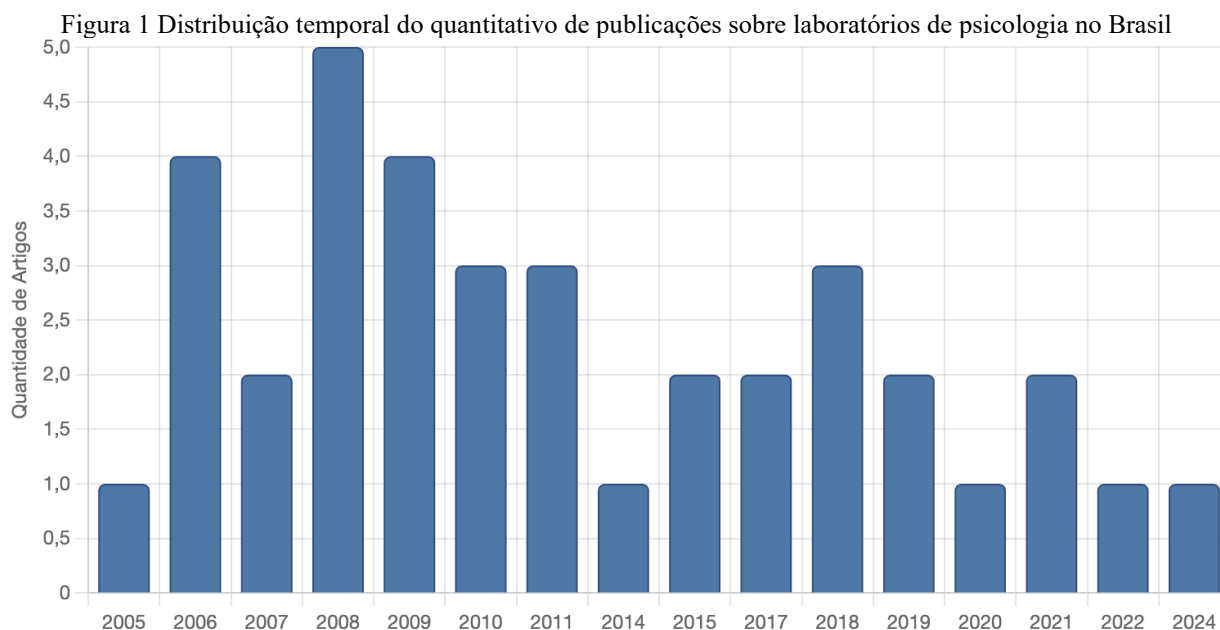
Fonte: adaptado de Moher (2009).

4 RESULTADOS

Para atender ao objetivo proposto e responder à pergunta de pesquisa, este estudo apresenta os dados coletados e analisados.

4.1 ANÁLISE DOS ANOS DE PUBLICAÇÃO *VERSUS* QUANTIDADE DE ARTIGOS

O levantamento da distribuição dos artigos analisados ao longo dos últimos 25 anos permite observar padrões e tendências de produção acadêmica sobre laboratórios de psicologia no Brasil. A seguir, apresenta-se uma análise mista dessas distribuições, com destaque aos períodos de maior e menor publicação.



Fonte: as autoras (2025)

Os dados presentes na Figura 1 possibilitam observar que, no período entre 2006–2011, especificamente entre meados dos anos 2000 e o início da década seguinte, houve uma frequência maior de estudos. Esse período pode traduzir uma fase de consolidação de grupos de pesquisa, institucionalização de laboratórios universitários ou políticas públicas voltadas ao fortalecimento da pesquisa em psicologia.

Nos anos posteriores a 2011, especialmente após 2015, há uma dispersão maior e uma redução no volume anual de publicações. Isso pode estar associado a fatores institucionais, desafios de financiamento, dispersão temática ou mudanças no perfil da produção acadêmica (Antunes; Porto; Queiroz, 2022; Pinheiro et al, 2020; Moraes; Amboni; Kalnin, 2017).

Em período recente (2020–2024), apesar de avanços tecnológicos, nota-se que há menos artigos publicados por ano. Isso pode refletir, entre outros fatores, a transição dos temas para outros formatos de divulgação, o impacto da pandemia de Covid-19 na pesquisa acadêmica presencial, ou uma priorização de outras linhas de pesquisa.

Nestes termos, a análise temporal da produção revela que os temas associados aos laboratórios de psicologia tiveram momentos de intensa atenção (sobretudo entre 2006 e 2009), períodos de estabilidade e, nos últimos anos, um cenário de menor concentração de publicações. Essa flutuação revela não apenas dinâmicas internas da área, mas também a influência de fatores externos (políticos, institucionais e sociais) na agenda acadêmica brasileira.

4.2 DOMÍNIO COGNITIVO PRETENDIDO PELOS AUTORES DOS ARTIGOS SELECIONADOS

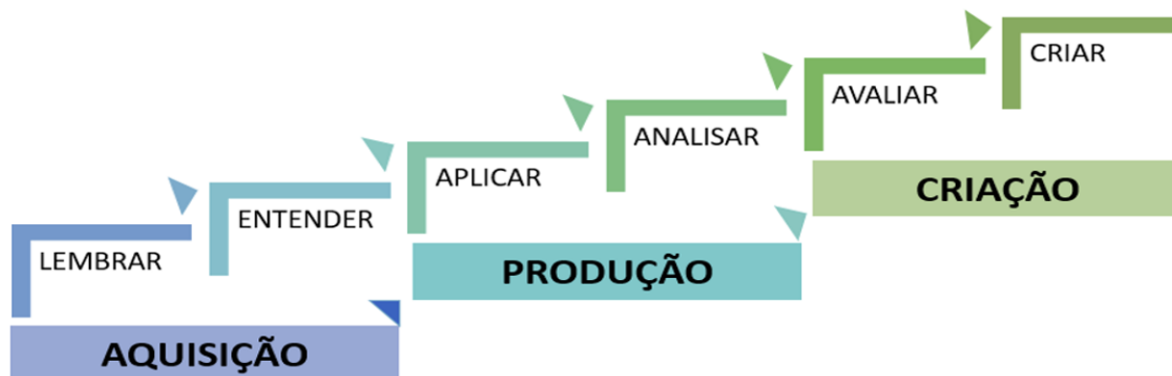
A utilização da Taxonomia de Bloom como referência metodológica para a análise do domínio cognitivo nos artigos de uma revisão integrativa é justificada em razão de sua estrutura hierárquica e sistemática, capaz de classificar as habilidades cognitivas propostas pelos autores de maneira clara e precisa (Ferraz; Belhot, 2010; Monteiro; Teixeira; Porto, 2012)

Os verbos utilizados pelos autores dos 37 artigos analisados e sua frequência no objetivo principal de cada estudo são:

- o verbo ‘apresentar’ foi utilizado no objetivo principal de 7 artigos – o apresentado em maior frequência dentre todos, juntamente com os verbos “descrever” (3 vezes) e “discutir” (3 vezes). Estes, integram o domínio cognitivo “lembrar”. Isto corresponde aos processos psicológicos associados à memória e refere-se à memorização de fatos específicos, de padrões de procedimento e de conceitos (Ferraz; Belhot, 2010). Este domínio cognitivo foi pretendido por autor(es) de 13 artigos, dos 37 analisados.
- os verbos “relatar” (5), “refletir” (2) e “contextualizar” (1), “retratar” (1) e “indicar” (1) integram o domínio cognitivo “entender”. Referem-se a um tipo de entendimento que envolve a possibilidades de interpretação do conteúdo comunicado. Os 5 verbos utilizados, que integram este domínio, segundo o(s) autor(es), visaram entender e aplicar um conceito em determinado contexto ou situação.
- o verbo “divulgar” (1) constitui a relação de verbos do domínio cognitivo “aplicar” que se refere ao entendimento e aplicação de um conceito em determinado contexto ou situação.
- o verbo “investigar” (6), bem como os verbos “analisar” (2), “examinar” (1) e “evidenciar” (1), correspondem ao domínio cognitivo “analisar”, que secciona uma comunicação em seus elementos ou partes constituintes de modo que a relação entre si se evidencie (Ferraz, 2010).
- o verbo “avaliar” (1) integra o domínio cognitivo “avaliar” e corresponde às ações que envolvem habilidades para julgar, criticar, justificar decisões ou ações com base em critérios.
- o verbo “propor” (2), pertencente ao domínio cognitivo “criar”, envolve gerar, planejar, elaborar ou propor algo novo com base em conhecimentos e habilidades previamente adquiridos. Representa o nível mais alto da hierarquia cognitiva.

Na Figura a seguir, é possível visualizar o domínio cognitivo no nível mais inferior na hierarquia da Taxonomia.

Figura 2 - domínio cognitivo no nível mais inferior na hierarquia da Taxonomia



Fonte: adaptado de Rodrigues Júnior (2016)

Os verbos utilizados pelos autores nos objetivos principais dos 37 artigos evidenciam predominância de ações cognitivas integrantes dos níveis mais básicos desta Taxonomia, especialmente no domínio "lembrar" (apresentar, descrever e discutir). Embora verbos de níveis cognitivos superiores também estejam presentes (investigar, analisar, avaliar e propor), sua frequência é significativamente menor, o que indica uma tendência dos estudos em priorizar a apresentação e descrição de informações em detrimento da aplicação, avaliação crítica e criação de novos conhecimentos. Essa distribuição sugere que, ainda que haja a intenção de avançar para processos cognitivos mais complexos, a maior parte da produção analisada se concentra em objetivos voltados à compreensão e memorização de conteúdos, o que reflete a orientação e o alcance dos resultados almejados nas pesquisas sobre Laboratórios de Psicologia.

4.3 QUADRO-SÍNTESE DOS PRINCIPAIS REGISTROS POR CATEGORIA

A seguir, é apresentado um quadro-síntese que organiza os principais achados dos estudos analisados, separados nas nove categorias resultantes da análise de conteúdo utilizada. Para cada categoria, são destacados os registros mais relevantes, acompanhados pelos respectivos autores e anos.

Categoria	Principais registros e autores
1. Histórico e institucional	<ul style="list-style-type: none"> - Modernização dos laboratórios e profissionalização da psicologia e pedagogia (Bomfim; Albergaria, 2004). - Primeiros laboratórios em SP: projeto para tornar pedagogia uma ciência baseada na psicologia/antropologia, intercâmbios internacionais e emergência da psicometria (Centofanti, 2006). - Migração do laboratório para a universidade, criação do curso de Psicologia (1964), influência de Waclaw Radecki e demandas clínicas/políticas (Autuori, 2014). - Laboratórios legitimando a psicologia como ciência institucional (Centofanti, 2006). - Influência do laboratório de Wundt para a institucionalização científica (Araujo, 2009). - Narrativas institucionais sobre os laboratórios (Batista; Machado; Gerken, 2015; Miranda, 2010).

2. Formação e treinamento	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino personalizado e laboratórios experimentais para analistas do comportamento; práticas multifuncionais e supervisão participativa (Lopes et al., 2008; Turci; Vieira, 2010). - Laboratórios como centros transnacionais de circulação de estudantes e métodos (Araujo, 2009). - Integração ensino, pesquisa e extensão, escuta sensível e valorização do feminino (Souza et al., 2020). - Programas on-line, acesso ampliado à formação em TCC (Neufeld et al., 2022); supervisão compartilhada como promoção de desenvolvimento profissional (Goldfajn; Vieira, 2018). - Função didática dos laboratórios e desenvolvimento técnico-discente (Cirino et al., 2010; Lopes et al., 2008).
3. Metodologias e abordagens teóricas	<ul style="list-style-type: none"> - Paralelos entre consciência e conceito de laboratório; integração entre pesquisa, prática e simbolismo (“labor-oratório”) (Lima; Freitas, 2007). - Abordagens interdisciplinares (fenomenologia, estética, psicanálise) para transposição artística (Tardivo, 2009). - Laboratório como dispositivo flexível para demandas institucionais e diálogo de abordagens (Nunes; Morato, 2008). - Ruptura de saberes hegemônicos e construção sensível e coletiva do conhecimento (Prestrelo, Quadros; Moraes, 2018). - Crítica à lógica binária da psicanálise e abertura para diversidades (Drehmer; Falcão, 2019).
4. Práticas e intervenções clínicas	<ul style="list-style-type: none"> - Integração assistência-ensino-pesquisa na saúde hospitalar, ganhos práticos e recursos clínicos ampliados (Mattos, 2008). - Atendimentos individuais/grupais, promoção de saúde, formação de terapeutas e resultados clínicos em TCC (Neufeld et al., 2011). - Avanços em métodos de avaliação psicofísica com integração entre pesquisa e prática (Costa, 2011).
5. População e áreas de aplicação	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação de crianças de 7–10 anos com instrumentos piagetianos e melhora pós-intervenção (Borges; Assis, 2009). - Idiocultura para crianças com paralisia cerebral e avanços nas habilidades sociais/cognitivas (Braga, Rossi; Cole, 2010). - Testes laboratoriais sensíveis para déficits emocionais em idosos com Alzheimer (Ladislau, Guimarães; Souza, 2015).
6. Política educacional e social	<ul style="list-style-type: none"> - Laboratórios articulados a instituições e práticas de classificação escolar, tensões de reforma e uso institucional do poder (Fazzi; Oliveira; Cirino, 2011).
7. Tecnologia e equipamentos	<ul style="list-style-type: none"> - Percurso de dispositivos da pesquisa à seleção profissional / educacional; plasticidade diante das demandas (Batista, Machado; Gerken, 2017). - Migração dos equipamentos e mudanças nos usos/tecnologias em contextos educacionais (Batista, Machado; Gerken, 2017).
8. Experiências e aprendizagem em laboratório	<ul style="list-style-type: none"> - Práticas sensoriais em laboratório ampliando percepção de si/outro (Alvim; Reis; Gutmacher; Silva, 2019). - Aprendizado prático, engajamento e compreensão em laboratórios didáticos (Cirino et al., 2010). - Integração ensino-pesquisa-extensão e impacto formativo (Souza et al., 2020). - Laboratório universitário como espaço de acolhimento psicológico e aprendizagem (Nunes; Morato, 2008).
9. Desafios e inovações	<ul style="list-style-type: none"> - Demandas para manutenção e inovação de laboratórios de personalidade na universidade (Lima; Freitas, 2007). - Intervenção com jogos remotos melhora funções executivas e satisfação de vida, potencial da ludicidade (Souza et al., 2024). - Reforçamento negativo influencia grupos e aprendizagem social (Ribeiro et al., 2021). - Tendências, lacunas e recomendações para pesquisa futura em laboratórios ambientais (Pacheco; Sousa, Bomfim, 2021).

Fonte: as autoras (2025)

O conjunto de informações de cada artigo possibilitou o seguinte registro em razão das categorias criadas:

4.3.1 Histórico e institucional

Os laboratórios de psicologia tiveram papel central na institucionalização dessas áreas no Brasil. Bomfim e Albergaria (2004) revelam como a aquisição de equipamentos europeus modernos viabilizou a criação de institutos, cursos e serviços, além de contribuir para a inovação didática e a profissionalização educacional, ressaltando também a recuperação de acervos históricos. Centofanti (2006) destaca que a implantação dos primeiros laboratórios em São Paulo atendeu ao projeto de tornar a pedagogia uma ciência baseada na psicologia e na antropologia, com intensa influência de Quaglio e Pizzoli e intercâmbios internacionais decisivos para a emergência da psicometria no Brasil. Autuori (2014) reconstitui a migração do laboratório ao contexto universitário e sua evolução até a criação do curso de Psicologia em 1964, evidenciando a influência de Wacław Radecki e a importância das demandas clínicas, políticas e profissionais nesse processo. A relevância desses processos para a legitimação da psicologia como ciência é reforçada por Centofanti (2006), que ressalta o papel institucional dos laboratórios na credibilização da área.

O impacto dos grandes laboratórios europeus, como o de Wundt, foi revisitado por Araujo (2009), que aponta como sua trajetória serviu de parâmetro para a institucionalização da psicologia científica no mundo – influência que se reflete em práticas, currículos e pesquisas brasileiras. Por fim, Batista, Machado e Gerken (2015) analisam como a inauguração de laboratórios gerou narrativas institucionais de excelência científica, influenciando o prestígio escolar e a modernização educacional, especialmente quando associada à identidade religiosa.

4.3.2 Formação e treinamento

O papel formativo dos laboratórios como centros de treinamento e desenvolvimento de competências profissionais é destacado por Turci e Vieira (2010) ao afirmarem que os laboratórios são espaços privilegiados de grande valia, onde teoria e prática se fundem à formação docente. Lopes, Miranda, Nascimento e Cirino (2008) enfatizam que práticas laboratoriais criam condições para o desenvolvimento de habilidades profissionais e sugerem o laboratório multifuncional e a supervisão participativa como estratégias efetivas de aprendizagem. Ainda, Araujo (2009) defende que o valor do laboratório está em seu papel de centro transnacional, mapeando tanto a circulação internacional de estudantes quanto a difusão de métodos.

O modelo de integração entre ensino, pesquisa e extensão, que se fortaleceu na contemporaneidade, é reiterado por Souza et al. (2020), ao valorizar práticas colaborativas e sensíveis e destacar a escuta ativa e o papel do feminino na formação em psicologia. Neufeld et al. (2022) mostram como programas on-line de laboratório ampliaram o acesso à formação e à supervisão, especialmente na terapia cognitivo - comportamental, enquanto Goldfajn e Vieira (2018) sinalizam que a supervisão compartilhada enriquece o desenvolvimento profissional e o cuidado ético. Cirino et al. (2010) e Lopes, Miranda, Nascimento e Cirino (2008) também destacam a função didática dos laboratórios para a experimentação e o desenvolvimento das habilidades técnicas dos discentes.

4.3.3 Metodologias e abordagens teóricas

No campo metodológico, Lima e Freitas (2007) traçam paralelos inovadores entre o desenvolvimento da consciência e a evolução do conceito de laboratório, defendendo um espaço universitário que integre pesquisa, prática e simbolismo (“labor-oratório”). Tardivo (2009) explora abordagens interdisciplinares, como fenomenologia, estética e psicanálise, para o estudo da transposição do texto literário ao cinema, propondo que o laboratório amplia a percepção da unidade e da diversidade no fenômeno artístico. Nunes e Morato (2008) demonstram como o laboratório pode funcionar como dispositivo flexível, responsivo às demandas institucionais, ao aproximar-se tanto da psicologia social clínica quanto dos modelos fenomenológico-existenciais.

Já Prestrelo, Quadros e Moraes (2018) evidenciam o potencial do laboratório para romper saberes hegemônicos, valorizando a sensibilidade, a narrativa e a construção de conhecimento conjunto, enquanto Drehmer e Falcão (2019) propõem repensar a lógica binária clássica da psicanálise desde o laboratório, sugerindo escuta clínica aberta às diversidades e revisão dos conceitos metapsicológicos.

4.4.4 Práticas e intervenções clínicas

A integração entre assistência, ensino e pesquisa, sobretudo em contextos hospitalares, revela ganhos práticos e inovadores. Mattos (2008) relata a experiência de 23 anos integrando cuidados e pesquisa, apresentando conquistas na articulação entre equipes, pacientes e familiares por meio da flexibilidade psicanalítica e a ampliação de recursos clínicos e formativos. Neufeld, et al. (2011) descrevem como atendimentos individuais e grupais, promoção de saúde e formação de terapeutas consolidam resultados clínicos positivos e a competência profissional em terapias cognitivas. Morato et al. (2005) ressaltam a centralidade da abordagem centrada na pessoa no laboratório universitário, destacando seu papel na formação de psicólogos sensíveis e reflexivos. Costa (2011) relata avanços

em métodos clínicos de avaliação psicofísica, reforçando a importância do laboratório na integração entre pesquisa e prática clínica.

4.4.5 População e áreas de aplicação

Os laboratórios também se destacam pela interface com diversas populações. Borges e Assis (2009) documentam o uso de instrumentos piagetianos para avaliar crianças de 7 a 10 anos com dificuldade escolar, verificando melhorias no desempenho após intervenção psicopedagógica e apontando a relevância da extensão universitária. Braga, Rossi e Cole (2010) propõem ambientes laboratoriais adaptados (idiocultura) para crianças com paralisia cerebral, mostrando avanços sociais e cognitivos significativos. Ladislau, Guimarães e Souza (2015) indicam que testes laboratoriais são sensíveis para avaliar déficits emocionais em idosos com Alzheimer.

4.4.6 Política educacional e social

A atuação dos laboratórios nas políticas educacionais e sociais é evidenciada por Fazzi, Oliveira e Cirino (2011), que analisam o fomento de pesquisas articuladas a instituições criadas por Helena Antipoff, a cadeia de laboratórios sustentando práticas de classificação escolar, e o uso dos instrumentos psicológicos para a gestão dos alunos em contextos de reforma. Os autores destacam como o poder institucional molda tanto metodologias como resultados.

4.4.7 Tecnologia e equipamentos

A dimensão tecnológica dos laboratórios é explorada por Batista, Machado e Gerken (2017), que analisam o percurso de dispositivos como a caixa de Decroly, ergógrafo de Mosso e outros na transição de instrumentos de pesquisa para ferramentas de seleção profissional e orientação educacional, destacando a plasticidade funcional desses artefatos diante das demandas escolares e industriais. Em outro estudo, Batista, Machado e Gerken (2017) demonstram como esses equipamentos migraram no tempo, sinalizando mudanças nos usos e no significado da tecnologia psicológica nos contextos educacionais.

4.4.8 Experiências e aprendizagem em laboratório

No campo da experiência, Alvim, Reis, Gutmacher e Silva (2019) descrevem práticas laboratoriais que propiciam experiências sensoriais capazes de ampliar a consciência de si e do outro, com efeitos positivos sobre expressão e memória do corpo. Cirino et al. (2010) enfatizam que o laboratório didático favorece o aprendizado prático e maior engajamento, enquanto Souza et al. (2020).

Nunes e Morato (2008) destacam a importância do laboratório universitário como espaço de acolhimento psicológico e aprendizagem para os estudantes.

4.4.9 Inovações

Sobre inovações, Lima e Freitas (2007) discutem as demandas para manter laboratórios de personalidade na universidade contemporânea, pontuando a importância da inovação institucional. Souza et al. (2024) mostram que intervenções com jogos remotos trouxeram avanços em funções executivas e satisfação de vida, sugerindo o potencial da ludicidade em ambientes virtuais. Ribeiro et al. (2021) evidenciam que reforçamento negativo no laboratório influencia a aprendizagem social, enquanto Pacheco Sousa e Bomfim (2021) sistematizam linhas e tendências do laboratório na área ambiental, identificando lacunas e recomendações para pesquisa futura.

Em síntese, ao final deste estudo, com base no levantamento realizado na literatura brasileira dos últimos 25 anos, é possível, ainda, relacionar tendências, desafios, lacunas e contribuições desses espaços científicos no fortalecimento da Psicologia enquanto ciência, profissão e campo de compromisso social. Eis:

As tendências observadas nos laboratórios de Psicologia no Brasil relacionam, em primeiro lugar, a incorporação crescente de tecnologias digitais e plataformas virtuais, com destaque para a telepsicologia e jogos remotos, que ampliam o acesso e possibilitam novas práticas formativas e experimentais (Souza et al., 2024; Neufeld et al., 2022). Além disso, há um foco renovado na promoção do bem-estar e na prevenção em saúde mental como temática central das atividades laboratoriais, algo que responde diretamente às demandas sociais contemporâneas (Conselho Federal de Psicologia, 2022a). Também se evidencia a diversidade ampliada das áreas de atuação desses espaços, que passam a incluir neuropsicologia, psicologia escolar, psicologia do trabalho e várias interfaces com políticas públicas (Bomfim; Alberharia, 2004). Por fim, destaca-se a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, que fortalece práticas inovadoras e o compromisso ético-social da Psicologia (Borsa, 2021).

Já os desafios enfrentados pelos laboratórios de Psicologia estão relacionados principalmente às acentuadas desigualdades regionais, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste, onde a carência de infraestrutura e de equipamentos atualizados persiste (Conselho Federal de Psicologia, 2022b; Batista, Machado; Gerken, 2017). Soma-se a isso as pressões econômicas que dificultam a manutenção e o crescimento desses espaços, bem como a qualificação contínua do corpo docente (Turci; Vieira, 2010). Registra-se também a insuficiente atualização curricular e a necessidade de ampliar a formação docente para práticas laboratoriais contemporâneas, o que impacta negativamente a integração interdisciplinar e a inovação metodológica (Souza et al., 2020). A rápida evolução das tecnologias

digitais, por sua vez, demanda regulamentação ética e proteção de dados, exigindo preparo específico ainda raro na maioria dos laboratórios (Goldfajn; Vieira, 2018).

No que diz respeito às lacunas, verifica-se um déficit na formação em pesquisa experimental e em práticas interdisciplinares, sendo que muitos laboratórios ainda privilegiam a psicologia clínica tradicional (Travassos; Mourão, 2018). Além disso, a oferta inconsistente ou mesmo ausente de estágios supervisionados impede a plena maturação profissional e o desenvolvimento de competências práticas fundamentais para a atuação autônoma (Cirino et al., 2010). É incipiente ainda, a integração das áreas aplicadas da Psicologia no contexto dos laboratórios, especialmente em temas ligados à gestão organizacional, processos grupais e educação continuada (Campos; Bernardes, 2005).

Por outro lado, as contribuições dos laboratórios para o campo da Psicologia são expressivas. Eles consolidam a Psicologia como ciência e profissão, e contribuem substancialmente à promoção da produção de conhecimento, à inovação didática e ao fortalecimento da cultura técnico-profissional (Bomfim; Alberharia, 2004; Centofanti, 2006). Além disso, integram ensino, pesquisa e extensão, atualizando a formação dos psicólogos com práticas socialmente comprometidas e éticas (Borsa, 2021; Souza et al., 2020). Os laboratórios também desempenham um papel importante no fortalecimento das comunidades científicas, uma vez que articulam redes acadêmicas e favorecem a atualização constante do campo (Batista, Machado; Gerken, 2017). Finalmente, são essenciais para a capacitação técnica, incentivo ao desenvolvimento científico, à reflexão crítica e à sensibilidade cultural necessária ao exercício profissional (Morato et al., 2005; Mattos, 2008).

5 CONCLUSÕES

Ao finalizar este estudo, é possível evidenciar avanços significativos no entendimento das múltiplas funções, abordagens e impactos dos Laboratórios de Psicologia no Brasil, tanto no âmbito da formação quanto da pesquisa, intervenção e inovação institucional. No entanto, persistem aspectos relevantes que limitam uma compreensão mais abrangente e aprofundada sobre o tema. Por exemplo: predominam estudos históricos, descritivos e institucionais sobre a implantação e o papel legitimador dos laboratórios, em detrimento de análises comparativas que envolvam diferentes contextos regionais, modalidades de ensino (presencial, híbrido, remoto) e suas consequências pedagógicas e profissionais.

Ainda, são escassos os estudos longitudinais sobre as práticas laboratoriais na formação de competências profissionais ao longo da trajetória acadêmica, assim como os desdobramentos no exercício profissional em seus múltiplos contextos, como o clínico, educacional, organizacional e comunitário, por exemplo.

Adicionalmente, nos estudos analisados, observa-se a inexistência de pesquisas que explorem de forma sistemática o impacto do uso de novas tecnologias, recursos digitais e ambientes virtuais de aprendizagem nos laboratórios, especialmente em função da crescente digitalização do ensino e da supervisão em psicologia. Como também se observa a inexistência de estudos transdisciplinares que examinem o papel dos laboratórios como ambientes propícios ao desenvolvimento de inovações metodológicas e integração entre ensino, pesquisa, extensão e políticas públicas.

Nesta esteira, é pertinente a sugestão de estudos que comparem diferentes regiões e instituições, a respeito de aspectos socioculturais, infraestruturais e curriculares dos Laboratórios de Psicologia; a investigação das potencialidades e limitações dos laboratórios virtuais, simuladores e plataformas digitais na formação e no desenvolvimento de competências profissionais; e estudos longitudinais para acompanhar o impacto das práticas laboratoriais na vida acadêmica e atuação profissional dos egressos.

Portanto, embora o percurso histórico e institucional dos Laboratórios de Psicologia esteja bem documentado, a consolidação de pesquisas voltadas à inovação pedagógica, à avaliação de resultados e à abordagem das múltiplas dimensões da experiência laboratorial permanece como desafio e promissora agenda para o fortalecimento, diversidade e integração do conhecimento na área. Ampliar a compreensão sobre os laboratórios exige, assim, investigações que combinem rigor metodológico, inovação, inclusão e diálogo interdisciplinar, assegurando sua relevância científica, social e formativa frente às demandas atuais e futuras.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à FAPESC - Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina.
Chamada pública FAPESC 54/2022 - Termo de outorga: 2023TR000906

REFERÊNCIAS

- ALVIM, M. B. et al. Laboratório Sensorial: uma proposta de ativação do corpo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 23, e180367, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.180367>
- ANTUNES, J.; PORTO, B. S.; QUEIROZ, Z. Q. L. Produção acadêmica, ensino remoto emergencial e formação de professores em tempos de pandemia. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 48, e253710, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248253710por>
- ARAUJO, S. F. Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. *Temas em Psicologia*, v. 17, n. 1, p. 9-14, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2009000100002&script=sci_arttext
- AUTUORI, M. Uma história do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. 34, n. 86, p. 7-23, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94632921002.pdf>
- BATISTA, C. G.; FERRARI, E. A. de M.; LALONI, D. T. Luiz Otávio de Seixas Queiroz: um pioneiro da análise do comportamento no Brasil. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 269-273, 2006. DOI: <https://doi.org/10.18542/rebac.v1i2.794>
- BATISTA, R. L. L.; MACHADO, M. N. M.; GERKEN, C. H. S. A construção discursiva da autoridade e do saber salesianos no jornal *Diário do Comércio* de São João del-Rei em meados do século. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 28, p. 145-170, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6462>
- BATISTA, R. L. L.; MACHADO, M. N. M.; GERKEN, C. H. S. Genealogia de quatro aparelhos do Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade Dom Bosco. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 32, p. 78-97, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6448>
- BOMFIM, E. M.; ALBERGARIA, M. T. A. Origem e relevância de um laboratório de psicologia no Brasil na década de 1950. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, Belo Horizonte, v. 7, p. 151-164, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6780>
- BORGES, R. R.; ASSIS, O. Z. M. Avaliação cognitiva: contribuições para um melhor desempenho escolar. *APRENDER – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, v. 2, n. 9, p. 219-245, 2007. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/aprender/article/view/3152>
- BORSA, J. C. Formação profissional em avaliação psicológica: integração entre ensino, pesquisa e extensão universitária. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 22, n. 1, p. 73-83, 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v22n1/a07v22n1.pdf>
- BRAGA, L. W.; ROSSI, L.; COLE, M. Criar uma idiocultura para promover o desenvolvimento de crianças com paralisia cerebral. *Educação e Pesquisa*, v. 36, p. 1-15, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000400011>

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

CAMPOS, R. H. F.; BERNARDES, L. H. G. A revista *Psicologia: Ciência e Profissão*: um registro da história recente da Psicologia brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 25, p. 508-525, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000400002>

CAMPOS, R. H. F.; BERNARDES, L. H. G. Contribuições para a construção da historiografia da Psicologia brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 32, n. spe, p. 30-47, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500008>

CANTO, F. L.; PINTO, A. L. Avaliação do acervo do portal capes por meio da análise das citações de teses da Universidade Federal de Santa Catarina. 6º Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria, v. 6, n. 6, 2018. Disponível em: <https://ebbc.inf.br/ojs/index.php/ebbc/article/view/686>

CENTOFANTI, R. Os laboratórios de psicologia nas escolas normais de São Paulo: o despertar da psicometria. *Psicologia da Educação*, n. 22, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43305>

CENTOFANTI, R. Radecki e a Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 2, n. 1, 1982. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/S99LKWZM3pbmWfKw5MxSZqF/>

CIRINO, S. D. et al. Refletindo sobre o laboratório didático de Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, v. 1, n. 1, p. 15-27, 2010. DOI: <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v1i1.17>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Censo da Psicologia Brasileira: um olhar sobre o presente para construir o futuro. v. 1, 2022a. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1_WEB.pdf

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Censo da Psicologia Brasileira: um olhar sobre o presente para construir o futuro. v. 2, 2022b. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol2-1.pdf

COSTA, M. F. A clínica da psicofísica. *Psicologia USP*, v. 22, p. 15-44, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000008>

CRUZ, R. S.; AZEDO, D. S. A importância histórica dos testes psicológicos para o ensino em Minas Gerais na década de 1930. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 3, n. 10, p. 211-226, 2017. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/6435>

DREHMER, L. B. R.; FALCÃO, C. N. B. Para além da concepção binária cis-heteronormativa: a psicanálise interrogada pelas diversidades sexuais e de gênero. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. spe3, e228536, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228536>

FAZZI, E. H.; OLIVEIRA, B. J.; CIRINO, S. D. Notas sobre o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 20, p. 58-69, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6623>

FERRAZ, A. P. C. M.; BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. *Gestão & Produção*, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=Taxonomia+de+Bloom%3A+revis%C3%A3o+te%C3%B3rica+e+apresenta%C3%A7%C3%A3o+das+adequa%C3%A7%C3%B5es.+&btnG=

FREITAS, M. C. Da ideia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a contraface de um paradigma. In: FREITAS, M. C.; KUHLMANN, M. Jr. (org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez Editora, 2002. p. 345-372.

GOLDFAJN, D. S.; VIEIRA, B. A. Fazendo supervisão: um espaço compartilhado para pensar a clínica com pacientes de difícil acesso. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 52, n. 3, p. 167-180, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2018000300011&lng=pt&nrm=iso

GOMES, W. B.; YAMAMOTO, O. H.; GOUVEIA, V. V. *Pesquisa e prática em Psicologia no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

JACÓ-VILELA, A. M. A Psicologia no Brasil: formação e institucionalização. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 44, n. spe1, e287307, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003287307>

LADISLAU, R.; GUIMARÃES, J. G.; SOUZA, W. C. Percepção de expressões faciais emocionais em idosos com doença de Alzheimer. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 28, n. 4, p. 804-812, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528419>

LIMA, T. P.; FREITAS, L. V. Laboratory of personality studies: is it possible a “labor-oratory” in a university at the XXI century? *Boletim de Psicologia*, v. 57, n. 127, p. 183-203, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432007000200006&script=sci_arttext

LOPES, M. G. et al. Discutindo o uso do laboratório de análise do comportamento no ensino de psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 10, n. 1, p. 67-79, 2008. DOI: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v10i1.207>

MOHER, D. et al. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Medicine*, v. 6, n. 7, e1000097, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>

MATTOS, P. R. Algumas considerações sobre um dispositivo de assistência à saúde. *Mudanças: Revista de Psicologia*, v. 16, n. 1, p. 10-15, 2008. Disponível em: https://dlwqtxts1xzle7.cloudfront.net/101697224/74ebdfaa984e132d19121c826a680df6647f-libre.pdf?1682950839=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAlgumas_Consideracoes_Sobre_um_Dispositi.pdf&Expires=1753556484&Signature=OqX6KDhXCQ0aaBsQEy9rcLRG5Xx3Ao81lLRiAuJ3K7~P3URiTailKDhYje-gYqTrwV4KM0wBQhQyclimZq98egu1QVMMUK~ZIwo48mLXLyYphRucY-s38fDI3QhWxGT0tYwp3wGd2bPmsmnZlKcC-kg9ZU~sH3DIbWCEnu-7714eg0xkBwoF7EOzXNy1FxREeasFiCVIuzqhy0Mgri8J6aIEtkiEVyAYgpjaEvD3QfL7iKV6uFZzBaqa0SNN0uh14agsuFhSQ8L-18dvpHcJlKvT4zodagAYU2k9WBY5afJRYAz2YHcw8q2WhB6~97naBT9AQ6ffZkAwSwqgBEYjOw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA

MIRANDA, R. L. Os laboratórios de análise do Comportamento na Universidade Federal de Minas Gerais. *Psicologia da Educação*, n. 30, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43037>

MONTEIRO, I. G.; TEIXEIRA, K. R. M.; PORTO, R. G. Os níveis cognitivos da taxonomia de Bloom: existe necessariamente uma subordinação hierárquica entre eles. In: *ENCONTRO DA ANPAD*, 36., 2012. Anais... Disponível em: https://arquivo.anpad.org.br/diversos/down_zips/63/2012_EPQ1887.pdf

MORAES, M. C. B.; AMBONI, N.; KALNIN, G. F. Produção acadêmica em avaliação do ensino superior no Brasil. *Avaliação*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 697-717, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/ctjCbsvK9kX8NPSbhbTHRNb/?format=pdf&lang=pt>

MORATO, H. T. P. et al. Acompanhamento psicológico individual na FEBEM/SP: um convite a cuidar de si. *Imaginario*, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 137-160, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2005000200007&lng=pt&nrm=iso

NEUFELD, C. B. et al. Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental (LaPICC): ensino-pesquisa-extensão no dia a dia da formação de psicólogos. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 13, n. 3, p. 50-62, 2011. Disponível em: https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=72

NEUFELD, C. B. et al. Propostas de intervenção e formação de terapeutas e supervisores: overview dos programas on-line do LAPICC. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 18, n. 1, p. 114-121, 2022. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbtc.org.br/pdf/v18n1a10.pdf>

NUNES, A. P.; MORATO, H. T. P. A práxis clínica de um laboratório universitário como aconselhamento psicológico. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 58, n. 128, p. 73-84, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000100006

OLIVEIRA, F. F.; GUIMARÃES, L. A. M. Psicologia no Brasil: antecedentes históricos para a constituição da ciência e da profissão. *International Journal of Development Research*, v. 11, n. 4, p. 46206-46210, 2021. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/psicologia-no-brasil-antecedentes-hist%C3%B3ricos-para-constitui%C3%A7%C3%A3o-da-ci%C3%A2ncia-e-da-profiss%C3%A3o>

PACHECO, F. P.; SOUSA, L. E. E. M.; BOMFIM, Z. A. C. Revisão sistemática das produções do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental. *Revista FSA*, Teresina, v. 18, n. 3, p. 260-278, 2021. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/2250>

PINHEIRO, P. A.; SOUZA, T. S.; VILELA, A. B. A.; YARID, S. D. Desafios no fomento para pesquisa no Brasil na perspectiva do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i7.29894>

PRESTELO, E. T.; QUADROS, L. C. T.; MORAES, M. O. Laboratório Gestáltico e Laboratório PesquisarCOM: práticas no rastro de uma psicologia no feminino. *Revista de Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 50-59, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8086021>

RIBEIRO, D. C. et al. Efeitos de um análogo de reforçamento negativo sobre a seleção de culturantes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 37, e3728, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3728>

RODRIGUES JÚNIOR, J. F. A taxonomia de objetivos educacionais: um manual para o usuário. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

SILVA FILHO, J. H.; MARTINS, H. A.; SILVA, A. G. B. Catálogo dos Laboratórios de Avaliação Psicológica no Brasil. 1. ed. São Paulo: Editora Nila Press; Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica – IBAP, 2021. Disponível em: https://www.ibapnet.org.br/arquivos/Catalogo_Portugues_2021.pdf

SOARES, A. R. A Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 30, n. esp, p. 8-41, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ptsPLZhXfqLTzKmyj7b6pDp/?lang=pt>

SOUZA, D. S. et al. O Polo de Estudos Gestálticos como espaço de tecitura entre ensino, pesquisa e extensão: uma psicologia que se faz no feminino. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3578

SOUZA, M. T. C. C. et al. Intervenções com jogos em contexto remoto: influências em funções executivas e satisfação de vida. *Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, v. 16, n. 1, p. 70-108, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36311/1984-1655.2024.v16n1.p70-108>

SOUZA, M. T. D.; SILVA, M. D. D.; CARVALHO, R. D. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>

TARDIVO, R. C. Porvir que vem antes de tudo: reconciliação e conflito em Lavoura arcaica – literatura e cinema. *Ide*, São Paulo, v. 32, n. 49, p. 106-121, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062009000200012&script=sci_arttext

TRAVASSOS, R.; MOURÃO, L. Lacunas de competências de egressos do curso psicologia na visão dos docentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 2, p. 233-248, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703004472016>

TREVIZAN, M. J. A história da Psicologia na institucionalização do Sistema Conselhos de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 44, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-37030004422023>

TURCI, D. A.; VIEIRA, R. C. A Psicologia e seus laboratórios na formação de professores mineiros. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41500>

VIEIRA, R. C.; CAMPOS, R. H. F. Notas sobre a introdução, recepção e desenvolvimento da medida psicológica no Brasil. *Temas em Psicologia*, v. 19, n. 2, p. 417-425, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751438006.pdf>

VILELA, A. M. J. Trajetórias da Psicologia no Brasil: conciliações e resistências. Memorandum: Memória e História em Psicologia, v. 38, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2021.36485>

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. Journal of Advanced Nursing, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x>